

ENCÍCLICA PATRIARCAL PARA A FESTA DA NATIVIDADE^I 2025

Prot. No. 977

† B A R T H O L O M E U

Pela graça de Deus Arcebispo de Constantinopla -Nova Roma e
Patriarca Ecumênico.

A toda plenitude da Igreja:
Graça, Misericórdia e Paz da parte de Cristo Salvador,
Nascido em Belém

Honorabilíssimos Irmãos Hierarcas,

Filhos amados no Senhor,

Tendo sido mais uma vez considerados dignos de alcançar a grande festa da Natividade na carne do Filho e Verbo de Deus, glorificamos a “inexprimível e incompreensível condescendência” do Salvador do gênero humano e Redentor de toda a criação da corrupção, ao mesmo tempo em que proclamamos com os anjos: “Glória a Deus nas alturas e, na terra, paz e boa vontade para com todos os homens.”¹

Cristo se revelou como o “Emmanuel,”² como o “Deus conosco” e “por nós”, como o Deus que está ao lado de cada um e “mais próximo

¹ Lc 2,14.

² Mt. 1,23.

de nós do que nós mesmos.”³ O Verbo pré-eterno de Deus, que é “consubstancial ao Pai”, conforme formulado na doutrina pelo Primeiro Concílio Ecumênico, cujo 1700º aniversário foi oportunamente celebrado pelo mundo cristão ao longo deste ano, “torna-se semelhante à sua própria criatura”, encarnando-se do Espírito Santo e da Virgem Maria “para tornar os seres humanos deificados.”

O Apolitikion (Hino de Despedida) do Natal declara que a Natividade de Cristo “fez brilhar para o mundo a Luz do conhecimento” e revelou “o significado transcendente e universal” da vida e da história, a saber, a verdade de que somente a fé cristã pode satisfazer plenamente a busca mais profunda da mente e a sede do coração, pois “a salvação não se encontra em nenhum outro”⁴ mas em Cristo. Daí em diante, o “conhecimento” que “ensoberbece”⁵ é julgado pelas palavras do Senhor: “Conheceréis a verdade, e a verdade vos libertará.”⁶

O acontecimento suprarracional da Encarnação é vivido e repetido espiritualmente na vida dos fiéis, que amam a manifestação do Cristo Salvador. Como escreve São Máximo, o Confessor: “O Verbo de Deus nasceu uma vez na carne, mas deseja sempre nascer no espírito, por amor àqueles que o desejam.”⁷ Nesse sentido, a Festa da Natividade, da Encarnação divina e da deificação da humanidade pela graça, não nos remete a um acontecimento do passado, mas nos conduz à “cidade futura”,⁸ ao Reino celeste do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Num mundo em que prevalecem o eco da guerra e o ruído das armas, ressoa a proclamação angélica de “paz na terra”, e a voz do Senhor proclama bem-aventurados “os pacificadores”, enquanto a Sua

³ Nicholas Cabasilas, *On the Life in Christ*, VI, PG 150. 660.

⁴ At. 4,12.

⁵ Cf. 1 Cor. 8,1.

⁶ Jo 8,1.

⁷ Diversos Textos sobre Teologia e a Economia Divina X, 8, PG 90.1181.

⁸ Hb. 13,14.

Santa Igreja reza na Divina Liturgia “pela paz que vem do alto” e “pela paz do mundo inteiro”. A fé autêntica no Deus vivo fortalece a nossa luta pela paz e pela justiça, mesmo quando somos confrontados com obstáculos humanamente intransponíveis. Como afirma de modo inspirador a Mensagem do Santo e Grande Concílio da Igreja Ortodoxa — cujo décimo aniversário celebraremos no próximo ano —: “o óleo da experiência religiosa deve ser usado para curar feridas e não para reacender o fogo dos conflitos militares.”⁹

O Evangelho da paz diz respeito de modo especial a nós, cristãos. Consideramos inadmissível permanecer indiferentes diante da fragmentação da cristandade, sobretudo quando essa atitude é acompanhada de fundamentalismo e de uma rejeição explícita do diálogo Inter cristão, que visa, em última instância, à superação das divisões e à realização da unidade. A obrigação de buscar a unidade dos cristãos é inegociável. A responsabilidade de dar continuidade aos esforços dos pioneiros do Movimento Ecumênico, bem como de justificar a sua visão e o seu trabalho, recai sobre a geração mais jovem de cristãos.

Pertencemos a Cristo, que é “a nossa paz”¹⁰ e ““cumprimento da alegria” em nossa vida, a “boa vontade” que brota da convicção de que “a verdade chegou” e “a sombra passou”, de que o amor é mais forte do que o ódio e a vida mais forte do que a morte, de que o mal não tem a última palavra na vida do mundo, que é conduzida por Cristo, o qual é “o mesmo ontem, hoje e amanhã.”¹¹ Esta fé deve brilhar e manifestar-se na maneira como celebramos o Natal e as demais festas da Igreja. A celebração jubilosa dos fiéis deve dar testemunho do poder transformador da nossa fé em Cristo. Deve ser um tempo de boa

⁹ § 4.

¹⁰ Ef. 2,14.

¹¹ Hb. 13,8.

vontade e de alegria espiritual, a experiência daquela inefável “grande alegria”¹² que é “sinônimo do Evangelho.”

Honorabilíssimos irmãos e amados filhos,

Em 2026, a Santa e Grande Igreja de Cristo celebrará os 1400 anos do memorável 7 de agosto de 626, quando o Hino Akathistos foi solenemente entoado “de pé” durante a Vigília Sagrada na Igreja da Panagia de Blachernae, como expressão de profunda gratidão à Mãe de Deus Toda-Santa pela proteção da Cidade de Constantinopla diante do ataque de forças inimigas. Por ocasião desse marco histórico, o Anuário de 2026 do Patriarcado Ecumênico será dedicado à comemoração deste importante acontecimento para a nossa tradição e identidade, que estão inseparável e profundamente associadas à honra reservada à nossa sempre bendita e puríssima Mãe de Deus, defensora e protetora do nosso povo.

Neste espírito, ao nos prostrarmos diante de Maria, que traz nos braços o Menino Jesus, e ao adorarmos o Verbo divino que assumiu a nossa condição, desejamos a todos vós um santo e abençoado Tempo do Dodekaemeron, bem como um novo ano da benevolência do Senhor, fecundo em boas obras e repleto de dons divinos. A Ele pertencem toda a glória, honra e adoração, agora e sempre, e pelos séculos dos séculos. Amém.

Natividade de 2025

† Bartholomeu de Constantinopla
Vosso fervoroso intercessor por todos diante de Deus

¹ Para ser lido nas igrejas após a Leitura do Evangelho durante a Divina Liturgia na Festa do Natal.

¹² Cf. Lc 2,10.